

QUEM AUMENTA UM PONTO, TECE UM CONTO

Fernanda Leturiondo, Centro de Estudos e Terapias Integradas de Salvador – Cetis –
Especialista em Língua, Linguagem e Literatura, letuiondo.nanda@gmail.com

Eixo Temático 2: Literatura, Meios e Mediações

Resumo: Num tempo em que “demorar-se” está cada vez mais em desuso, em época de opiniões e impressões manifestas por *tweets*, numa era de comunicação e de compartilhamento através de redes sociais, percebemos movimentos na contramão desses fenômenos, a exemplo do surgimento de grupos cujos membros se encontram para dedicar-se ao bordado livre. Estes grupos se caracterizam por integrar Tradição (Bornheim, 1987; Ricouer, 1980) e Contemporaneidade (Agamben, 2009), fomentando a capacidade de intercambiar experiências de forma oral, própria dos narradores/contadores de histórias. Este relato tem como objetivo apresentar uma produção poética constituída a partir do bordar, tecer e narrar, reeditando este fazer milenar que se estabelece como espaço de criação, reflexão e compartilhamento de experiências estéticas. Neste contexto, partir da observação e convívio com diversos grupos de bordados, surge um projeto autoral onde a narrativa é bordada em tecido/vestuário, intitulado “Quem aumenta um ponto, tece um conto”, desenvolvido entre 2014 e 2016. Trata-se de uma experiência de criação poética, sem uma metodologia rígida, que tem como eixo a narrativa (BENJAMIM, 2012), o bordado livre e a costura. Nasce daí, textos poéticos narrativos que integram linguagens num exercício de semiótica em que a linha configura-se em tinta, a agulha torna-se a pena e o tecido é o suporte para a criação resultando na confecção de uma série de peças denominadas saias-texto - saia do lado, saia da frente, saia do redor e saia de baixo. As peças consistem numa trama costurada por diversas linguagens artísticas em que o substantivo saia e o verbo sair, são mote e matéria prima para a criação narrativa à medida que vincula suas funções e sentidos, ora transmutando-os, ora reafirmando-os. A medida que revela a expressão do subjetivo (PRECIOSA, 2010), o que socialmente serve para vestir, aqui, presta-se ao despir: uma roupa que desnuda um argumento poético-literário.

Palavras-chave: Narrativa poética; Bordado Livre; Subjetividade.

Abstract: At a time when "slowdown" is increasingly in disuse, in times of opinions and impressions expressed by tweets, in an era of communication and sharing through social networks, we perceive movements against these phenomena, such as the emergence of groups whose members meet to dedicate themselves to free embroidery.

These groups are characterized by integrating Tradition (Bornheim, 1987; Ricouer, 1980) and Contemporaneity (Agamben, 2009), fostering the ability to exchange experiences orally, proper to storytellers. This report aims to present a poetic production constituted from embroidering, weaving and narrating, reissuing this millenarian work that establishes itself as a space of creation, reflection and sharing of aesthetic experiences. In this context, starting from the observation and conviviality with several groups of embroideries, an authorial project arises where the narrative is embroidered in fabric / clothing, titled "Who increases a point, weaves a tale", developed between 2014 and 2016. It is an experience of poetic creation, without a rigid methodology, which has as its axis the narrative (BENJAMIM, 2012), free embroidery and sewing. From that point on, poetic narrative texts that integrate languages in an exercise of semiotics in which the line is set in ink, the needle becomes the pen and the fabric is the support for creation resulting in the making of a series of pieces called skirts- Text - Get off the side, get out of the front, get around and get off. The pieces consist of a plot sewn by various artistic languages in which the noun leaves and the verb to leave, are mote and raw material for the narrative creation as it ties its functions and senses, sometimes transmuting them, sometimes reaffirming them. As it reveals the expression of the subjective (PRECIOSA, 2010), what socially serves to wear here serves to strip: a clothing that bares a poetic-literary argument.

Keywords: Poetic Narrative; Free Embroidery; Subjectivity.

Introdução

Hoje o mundo é cada vez mais audiovisual e tecnológico. Crescendo em ritmo acelerado, a chamada cultura digital é um fenômeno epidêmico e sem retorno. A impressão é que tudo está ao alcance dos dedos. Tudo é *touch*. Em um toque em uma tecla, uma avalanche de informações invade telas portáteis, seja de *laptops*, *Andróids*, *Iphones*, *Ipads* – sendo assim é fácil, portanto, acreditar que o conhecimento e as experiências estão postos nas ponta dos dedos. Ou seja, quanto mais ágil alguém for com o aparato tecnológico que lhe estiver disponível, mais sábio e experiente se tornará. Uma das tantas ilusões da contemporaneidade onde a experiência social é cada vez mais mediada tecnologicamente e onde se tornou consenso a ideia de que a informação é um capital simbólico de grande valor.

Pois bem, este trabalho nasce neste contexto onde parar, silenciar, demorar são tarefas que exigem grande esforço. É um trabalho que tem como base uma narrativa poética autobiográfica que foi se constituindo ao longo de duas etapas: a primeira de 2012 à 2014, de produção bruta e sem intenção e a segunda de 2014 a 2016, de produção mais consciente do processo e com vistas a realização de um produto que deflagrasse a narrativa.

O bordado e o bordar

[...] bordar é de alguma forma uma maneira de tecer, é um trabalho de criação. (NUNES, 1998, p. 13).

O bordado é uma arte ancestral atribuída às mulheres. Encontrado em fósseis, adornando vestes que remontam há milhares de anos AC, presente no vestuário Grego, narrado por Homero que conta dos bordados de Andrômaca, Helena e Penélope, na Guerra de Tróia e na Ilíada, mencionado diversas vezes na Bíblia, o bordado está nas vestes dos egípcios, dos persas, dos indianos, dos romanos. No ocidente torna-se costume que as moças aprendam desde cedo a arte das agulhas e linhas. O bordado mais do que um fazer, até bem recentemente, ainda no início do século XX, era visto como um tipo de dever feminino e fazia parte de sua formação, inserido no currículo escolar.

[...]as escolas femininas dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens prendadas, capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou de pintura (LOURO, 1997, p.62)

No século XX o bordado se mecaniza, a utilização de máquinas de bordado se populariza. A urbanização e a industrialização, a necessidade de mão de obra barata, vão aos poucos inserindo a mulher no mercado de trabalho e alterando seu papel no mundo econômico e na sociedade.

Com a emancipação da mulher, o bordado à mão começa a deixar de ser visto como parte das obrigações femininas, as moças já não se interessam e tampouco necessitam bordar seu próprio enxoval, estão ocupadas em adquirir novos conhecimentos, consolidar outros saberes e em abrir caminhos para inserção no mercado de trabalho e em espaços na esfera pública, antes inacessíveis.

A necessidade de instruir-se e educar-se era um dos principais anseios femininos, para a conquista da liberação e uma forma de alterar esse destino subordinado à moralidade da época. As mulheres tomando consciência dos medos da sociedade machista, vão abrindo mão da 'sagrada' missão de cuidar do 'lar', em nome de uma aquisição de conhecimento e da capacidade produtiva, procurando acalmar a todos e não entrando em conflito, buscando usar como tática a persuasão e o convencimento como forma de luta pelos seus ideais. (CHAGAS, 2003 p. 1)

Na última década, no entanto, o bordado reaparece. Esse fenômeno é notado a partir da criação e difusão de inúmeros grupos, em geral, mas não só, de mulheres. Motivador desses agrupamentos, o bordado ressurgiu com outras características, reafirmando o feminino de um outro lugar: lugar de expressão do subjetivo, suporte de narrativas de empoderamento, de uma estética inovadora e ao mesmo tempo tradicional.

Uma das características desses grupos contemporâneos de bordado são os projetos coletivos e a criação de narrativas que se estabelecem a partir do bordar junto.

Autobiografias contemporâneas

Para pensarmos em autobiografias contemporâneas é necessário refletir sobre a relação que o homem estabelece com a vida privada e, como através dessa relação é constituída uma desnaturalização da experiência humana. É como se tal experiência se configurasse como produto meio, algo que revela a sua diferença e que se configura como aquilo que lhe marca, como algo que lhe diz respeito.

Por certo esse estado de mal-estar gerado por esse fenômeno que emerge de um estado de insatisfação consigo próprio é o que leva o sujeito a desejar falar de si. É quando o sujeito se encontra de frente consigo que a questão autobiográfica aparece nesse espaço de posicionamento e se institui como tentativa de dar conta do estado de existir.

A escrita autobiografia tem como objeto o si próprio, ou seja, a autoanálise da história de toda uma vida, a vida do sujeito narrada por ele próprio. É no espaço da singularidade onde o homem se constitui que a autobiografia situa-se como produto gerado pela civilização ocidental. É através dela que o homem reconstrói a sua própria história e num contexto amplo, contribui também para a construção da história da memória da humanidade. Reconstituindo a história de uma vida ao longo de um certo tempo passa-se a testemunho também de um tempo que pertence a uma dada geração (TEIXEIRA, 2003)

Cada indivíduo não totaliza diretamente uma sociedade global, mas totaliza-a pela mediação do seu contexto social imediato, pelos grupos restritos de que faz parte, pois estes grupos são por sua vez agentes sociais ativos que totalizam o seu contexto, etc. De igual modo, a sociedade totaliza todo o indivíduo específico por intermédio de instituições mediadoras que a focalizam cada vez mais pontualmente para o indivíduo em questão. (FERRAROTTI, 1988, p. 31)

Dessa forma, escrever sobre si é também desintoxicar-se, buscar novas ideias, muitas vezes decepcionar-se com elas e começar de novo. É um revirar-se por dentro a procura de quem fomos e somos e, mesmo assim não encontrar resposta plausível que sustente o ser descrito. O exercício de desdobrar uma escrita que possibilite:

[...] tencionar o discurso e desmanchar-se em lágrimas, sem que o gesto pareça sentimental. Para recepcionar um corpo sofrido que pede socorro e espaço para viver. Para quase se afogar e virar nadando cachorrinho. Para abandonar o hábito de ser. Para escorchar a pele e com ela confeccionar um manto de memórias editáveis. Para azucrinar o ego e seu pegajoso cortejo de arrogâncias. Para desaprender a reprovar a vida, essa nossa insistente mania de desqualificá-la. Para se desvencilhar da ideia de que a vida nos reserva um propósito, e cabe a cada um de nós desvendá-la. Para aprender a rugir para o que é pesado e instituído. Para desatolar a subjetividade das formas acabadas. Para ser pega em “flagrante delito de fabular”¹. (Preciosa, 2010, p. 27)

¹ (Deleuze, Conversações, p.157.)

E é nessa construção de discurso que se encontram os grupos de bordados que se encontram em pontos diversos do país e que nos interessam olhar no escopo desse relato de experiência. Grupos formados por narradores de si que encontram na arte de bordar um caminho para escoar o que lhes saltam a pele pela via da palavra.

O narrador

Para a concepção ideológica da comunicação a palavra é o modo mais puro e sensível da relação social, e é também o veículo privilegiado para a formação da consciência e da ideologia. Diante disso, é possível afirmar que a palavra, signo verbal, marca o tempo quando traça a história e nessa vertente é que o olhar de Bakhtin (1981) confere à língua uma dimensão ideológica e dialógica. O reconhecimento desses aspectos faz com que se perceba a narração e a escuta de histórias como prática discursiva, como trabalho simbólico, conseqüentemente, como um dos primeiros espaços de formação linguística constituído pelo viés da intersubjetividade.

Para Walter Benjamin (2012) somos todos contadores de histórias, especialmente quando produzimos memórias, sejam elas ficcionais ou verídicas, e essas narrativas angariam sentido quando perpassam o olhar do outro e dialogam com as narrativas desses outros. Benjamin comunga com Ricoeur (1999) e Larrosa (2004) da ideia de que narrar e relatar são sinônimos e, juntos, defendem a experiência compartilhada como base da narrativa.

Enquanto Benjamin nos indaga sobre uma possível “ligação que o narrador tem com sua matéria – a vida humana – estabelecida através de uma relação artesanal” (p. 56), Paul Ricoeur reflete sobre o provável diálogo existente “entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana como uma relação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural”. (p. 60).

Larrosa complementa as ideias supracitadas com a seguinte argumentação:

Talvez nós homens não sejamos outra coisa que não um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para aí tentar recolher as palavras que falem por nós. [...] Que podemos cada um de nós fazer sem transformar nossa inquietude numa história? E, para essa transformação, para esse alívio, acaso contamos com outra coisa a não ser os restos desordenados das histórias recebidas? E isso a que chamamos autoconsciência ou identidade pessoal, isso que ao que parece tem uma forma essencialmente narrativa [segundo Ricoeur] não será talvez a forma sempre provisória e a ponto de desmoronar que damos ao trabalho infinito de distrair, de consolar ou de acalmar com histórias pessoais aquilo que nos inquieta? (p.22)

Larrosa ainda comunga das ideias de Ricoeur, especialmente quando se refere a autoconsciência e a identidade pessoal como formas de narrar:

Nossa própria existência não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos. É contando nossas próprias histórias que damos, a nós mesmos, uma identidade. Reconhecemo-nos, a nós mesmos, nas histórias que contamos sobre nós mesmos. E é

pequena a diferença se essas histórias são verdadeiras ou falsas – tanto a ficção como a história verificável, nos provém de uma identidade (RICOEUR, 1999, p.213).

Do emaranhado dos romances ou procurando a ponta do fio da narrativa

*you were going away from me with a smile unpunished
as if every knife didn't have two blades*
Ivan Lins

A partir de agora será descrita a experiência pessoal de construção de saias-textos, objeto do estudo aqui narrado. Tal experiência foi dividida em etapas para melhor compreensão do leitor.

Etapa I

No início a escrita era um derrame, um deixar vir, o dizer que não podia mais calar. Digitados insônias adentro, escritos à lápis em diversas cadernetas em salas de espera de consultórios médicos, em qualquer espera, em filas de bancos, supermercados... tratava-se de um relato fragmentado e autobiográfico que narrava um período de ruptura e sofrimento.

(...) E me dizia de importâncias e eternidades e de futuro, embora a cada dia parecesse mais relapso e ausente e passado. Não podia acreditar no desamor, tampouco no amor. E precisava acreditar, numa coisa ou noutra. Presa num paradoxo. Pedia presença, mas não me queria por perto, me solicitava, mas aos poucos afastava-se. E, requerida e repelida, sem saber que rumo tomar, fui andando ao redor da fragilidade que ele usava como alibi. Fui cuidando de lhe assegurar que estava ali com meu amor presente e ainda. Andando, andando, girando, redemoinhando num mesmo espaço restrito de um sentimento já desesperado. Até que desse tanto andar se fez um buraco. Os pés preenchidos de bolhas eram o centro de um lugar sem luz, sem ele, sem nada. Mal podia mexer-me. As mãos ainda estavam, sentia. Mas não faziam nada. E os braços magros, o tronco ossudo, as pernas, o peito comprimido... Tudo era um resto de corpo.

Terceiro fim de semana: Ainda o choro é fácil e tudo vira água em meu rosto. Mas ontem, sábado, senti uma primeira alegria. Era noite já tarde quando veio o convite para assistir um DVD do Sítio do Pica Pau Amarelo. Começamos a ver lado a lado no sofá da sala de televisão e logo estávamos rindo e apreciando e nos encantando. Era um acontecimento, uma delicadeza da vida, aquele tempo ali com meu filho, vi de imediato. Quis sugar tudo, sabendo que naquele momento eu era feliz e fiquei grata.

As ameixas são para ele. Não me dou conta, só quando as vejo na fruteira.

*todos se foram
eu não sei ir
tampouco sei ficar*

Esses escritos foram se constituindo ao longo de dois anos, no entanto o formato deste trabalho propriamente dito, em que a trama da narrativa se vincula a trama do tecer e do bordar, surge a partir do contato e participação em grupos e eventos de bordado livre. Em 2014 comecei a bordar e descobri que podia desenhar com a agulha e linha. E o tecido vira também um portador de texto.





Mais do que pelos pontos tradicionais me interessava a narrativa que surgia daqueles encontros. Na narrativa oral, porque nos grupos bordávamos conversando e na narrativa bordada, porque todo bordado acaba sendo, de alguma forma e em alguma medida, uma narrativa. E aqui é importante ressaltar que os encontros de grupos de bordado que participei, caracterizavam por serem longos, durarem, cada encontro, no mínimo 6 horas. Nesses encontros eram pontuados por uma proposta de bordado que favorecia uma narrativa. Enquanto trabalhavam as bordadeiras investigavam e iam elaborando e criando uma narrativa pessoal ou fictícia, baseada em suas referências.



E assim, recuperando um fragmento dos escritos iniciados em 2012, foi nascendo a ideia das saias poemas.

saia . fora . saia de . dentro . saia do . agora . saia de
boa . **saia** . de . devagar . saia do . **logo** . lado . saia
do . delicadamente . **meu** . saia de . vista .
da minha . do . **caminho** . da rota . daqui . saia .
saia-se . prontamente . bem . ligeiro . se . amanhã . **antes**

Os fios e a trama: costura de uma história fragmentada

Etapa II

A exemplo do conto A Moça Tecelã de Marina Colasanti em que uma moça vai tecendo seu destino tal qual seu desejo para depois, em seguida, destece-lo, igualmente, tal qual seu desejo, aqui também a tessitura explicita o desejo.

Cada saia-texto é o anúncio da expectativa. Do devir. O verbo no imperativo. A forma, modelagem da roupa. São elas: Saia do Lado; Saia da Frente; Saia do Redor e Saia de Baixo.

Neste trabalho o substantivo saia e o verbo sair, são mote e matéria prima para a criação narrativa à medida que vincula suas funções e sentidos, ora transmutando-os, ora reafirmando-os. A medida que revela a expressão do subjetivo, o que socialmente serve para vestir/cobrir, neste trabalho, presta-se ao despir: uma roupa feita para desnudar.

*o verso é a frente da saia
a frente é o espaço do passo
o passo é a frente do verso*

Partindo de uma experiência pessoal, fui unindo pontos e fio com fio: o fio da narrativa poética com os fios da costura e do bordado, para contar uma história. Fui dando forma ao tecido, costurando e formatando os panos de acordo com o argumento.

O que resulta numa experiência de intercessão entre o vivido e o tecido: pontos e contrapontos de uma narrativa, o arremates dos fios, o contorno e as bordas, o avesso da costura e do bordado de uma história.

As saias textos

A escolha do tecido e modelagem: cortar para depois unir com alfinetes para depois alinhar e só então passar na máquina de costura. A modelagem das saias já anunciam o princípio da narrativa. Seu formato, corte e caimento revelavam a intenção: saia do lado, saia da frente (envelope), saia do redor (godê ou rodada), saia de baixo (de dentro).

SAIA DA FRENTE

Levanto a vista. Está sentado, cotovelos sobre à mesa, cabeça pesando nas mão, semblante grave. Olhos fixos em um papel amassado. Os olhos cobertos pelos dedos. Camisa de botão, mangas compridas dobradas até pouco mais da metade do antebraço. Barba grisalha. É ele mesmo. O mesmo. E não é. Para apenas para estalar os dedos. É ele. Entra na sala, fecha a porta, coloca o santo sobre a mesa, se posiciona à minha frente

e começa a rezar. Vivo seu ritual. Há dias testemunho. No primeiro dia chorei, hoje escrevo e amanhã não sei. Essa não será minha rotina. Não! Quero que saia de minha vista, de minha frente. Saia de minha frente. Saia da frente. Saia!



SAIA DO REDOR

Saia do redor, de meu entorno, de minha volta, saia da roda da barra desta vida que é minha. Não me cerque, não me envolva, não se enrole me mim, não me circule, não me ronde, não me segure. Saia de meu rodado, de meu girado, de minha ciranda. Saia e não volte!

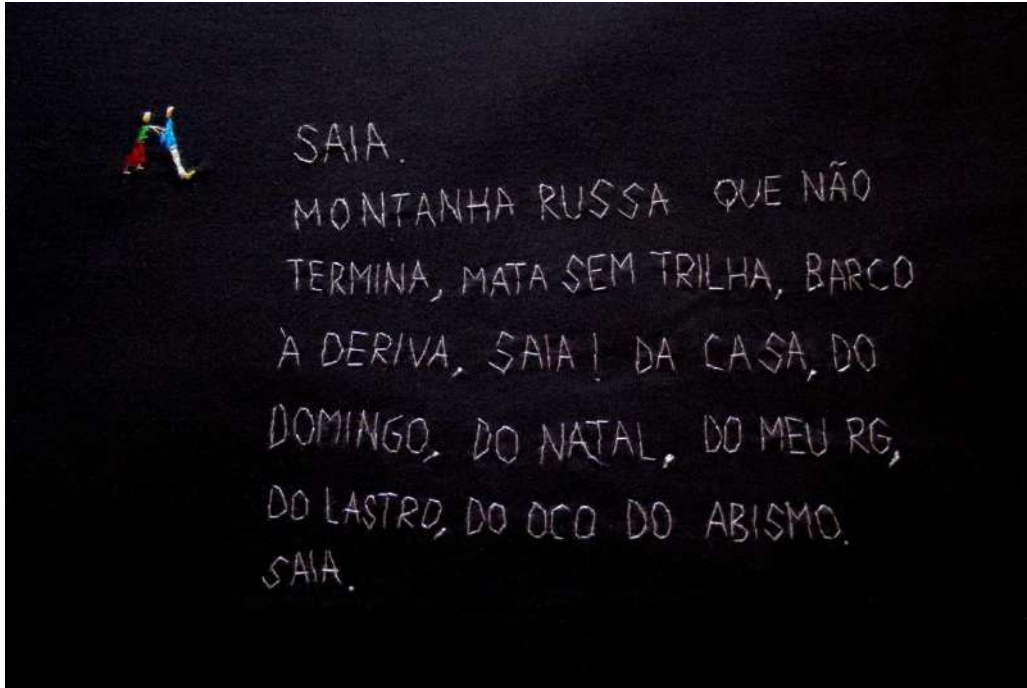


SAIA DA RODA DA BARRA direita



SAIA DO LADO

Saia. Montanha russa que não termina, mata sem trilha, barco à deriva, saia! Da casa, do domingo, do Natal, do meu RG, do lastro, do oco do abismo. Saia.



Conclusão:

Refletindo e absorvendo as exigências e contradições de um mundo urgente, audiovisual, permanentemente em rede, este trabalho se presta a outra dinâmica de criação e expressão. A escrita, o bordado e a costura como forma de perpetuar uma experiência de compreensão do vivido é também, além de um deparar-se com a própria história, é uma contribuição para o registro de um tempo.

O projeto QUEM AUMENTA UM PONTO TECE UM CONTO se desdobra para além deste produto inicial. Uma série de dez oficinas de produção de narrativas utilizando o bordado livre e a costura à mão estão planejadas e foram iniciadas em 2018. São elas: OFICINA 1: Os inícios e OFICINA 2: A casa e a dona, já realizadas. E OFICINA 3: A linha e tempo; OFICINA 4: Os amores e amares; OFICINA 5: As águas OFICINA; 6: Os jardins; OFICINA 7: A poeira; OFICINA 8: Os devaneios ; OFICINA 9: O porvir e a OFICINA 10: A construção que serão oferecidas em 2019.

Ainda há muito que bordar nesse caminho de escrita de si e escuta do outro, mas acreditamos que a partir das oficinas será possível colher, através de dispositivos de coleta de dados diversos, informações importantes para o corpus de uma possível pesquisa acadêmica.



Referências

- BAKHTIN, Mikhail – **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, São Paulo: Hucitec, 1981.
- BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias – Narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, vol. I- Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- CHAGAS, Cláudia Regina Ribeiro Pinheiro das. **A Busca do Bordado como espaço**. 26ª Reunião Anual da Anped Poços de Caldas, 2003. Disponível em www.anped.org.br/sites/default/files/p232.pdf Acesso em 16 out 2017.
- COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997
- MACHADO, Ana Maria. **Texturas**, sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.
- MILLOT, Catherine Millot. **Oh Soledad**. Barcelona: Ned Ediciones, 2014.
- NUNES, Maria Luisa Abreu. **O ponto de cruz: a grande encruzilhada do imaginário**. Porto: Instituto Português de Museus. 1998.
- PRECIOSA, Roseane. **Rumores Discretos da Subjetividade – Sujeito e Escrita em Processo**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2010
- RICOEUR, Paul. **Historia y Narratividad**. Barcelona: Editorial Paidós, 1999.
- TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. **Escrita autobiográfica e construção subjetiva**. *Psicol. USP* vol.14 no.1 São Paulo 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000100004
Acesso em: 29 nov 2017